



9º Domingo depois de Pentecostes (01/08/04)

Próprio 13

1ª leitura (Antigo Testamento) – Eclesiastes 1.12-14; 2. 18-23

Os dois primeiros capítulos de Eclesiastes podem soar como pessimismo para alguns. Mas, na verdade, são extremamente realistas. O livro foi escrito por volta do século III aC durante o domínio grego na Palestina. Era uma época sem esperanças e sem horizontes. Todos os grandes projetos pessoais e coletivos sonhados no passado deram em nada. O reino de Davi e Salomão dividiu-se em dois; o reino do Norte foi destruído; o do Sul foi exilado. O povo vivia às voltas com invasores e dominadores que se revezavam de acordo com o andar da história. De que adiantava buscar conhecimento (1.12-20)? Para que realizar grandes obras e acumular riquezas e poder (2.4-14)? de que adianta trabalhar desesperadamente se não será possível desfrutar do trabalho? Por isso, o grande lema inicial do livro de Eclesiastes soa pessimista: “tudo é fugaz”, “tudo é vaidade”, “tudo é passageiro”. Parece que estamos diante de um autor que denuncia o existencialismo e o desencanto atual da pós-modernidade.

Mas a própria pós-modernidade que tem nos ensinado a nos aproximarmos dos textos perguntando pelas suas margens ou entrelinhas pode nos ajudar a dar atenção a um pequeno detalhe: as lamúrias e reclamações do autor estão orientadas por uma perspectiva que se fixa nas coisas passageiras. Seu olhar está voltado para o que acontece “debaixo do sol” (1.3). De fato, “debaixo do sol não há nada novo” (1.9). Ao examinar as coisas que se passam “debaixo do sol” a conclusão é que realmente tudo é fugaz como uma corrida atrás do vento (1.14). Por isso, na seqüência do texto, o sábio busca discernimento na dinâmica do tempo (cap.3) e estimula os leitores a desfrutar a vida com tudo o que ela pode nos oferecer apesar das circunstâncias adversas. Ou seja, num tempo de desencanto, é preciso que nossos olhos não se fixem apenas no que acontece “debaixo do sol”. A única esperança é passarmos a contemplar a vida numa outra ótica que seria o “acima do sol”, aquilo que é eterno e que não se confunde com os projetos e realizações humanas. (CEBC)

Epístola – Colossenses 3.5-17

Há dois estilos de vida descritos aqui: um que “pertence à terra” (3.5) e tem a ver com desejos maus e incontroláveis, cobiça, ambição, mentira. Esse é o padrão do “velho homem”, da pessoa que ainda não se revestiu do poder da ressurreição do Cristo. O autor de Colossenses diz que nossa natureza humana, sem esse revestimento santificador conduz-nos a esse estilo de vida. Mas pelo revestimento de Cristo alcançado no batismo somos capacitados a renovar nossas vidas conforme a imagem do nosso Criador. Por isso, quando estamos revestidos de Cristo caem as barreiras culturais ou econômicas, porque Cristo derruba todos os muros e nos reúne em uma nova humanidade (5.11).

Os sentimentos recomendados a esse novo estilo de vida que nos é oferecido em nosso batismo e que devem ser estimulados são: compaixão, bondade, humildade, paciência, tolerância, perdão, etc. (5.12-13). Todos eles estão sob a inspiração maior do amor (v. 14) que nos chama à comunhão e à paz (v.15).

A exortação maior da perícopes é que tais sentimentos ou atitudes que são primariamente pessoais, sejam capazes de nos contaminar a ponto de moldar a vida comunitária produzindo ações de graça (v. 15b), sabedoria e aconselhamento mútuos a partir da Palavra (v.16a) e louvor



(v.16b). Quando enfatizamos mais isso do que o rancor, a mentira e a maledicência, a comunidade toda se edifica.

Colossenses nos ajuda a compreender que a comunhão cristã se estabelece quando enfatizamos o que realmente importa. Mas se nosso discurso está sempre motivado pela mentira e a maledicência, é porque ainda não compreendemos o significado de estarmos revestidos por Cristo. (CEBC)

Evangelho – Lucas 12.13-21

Após contar a parábola a respeito de um homem rico e poderoso, um empreendedor que trabalhava incansavelmente e acumulava cada vez mais, Jesus pergunta: “para quê, afinal?” O texto está muito ligado ao de Eclesiastes. Acúmulo de poder e riqueza é vaidade. Deus um dia nos chamará para prestarmos contas do bem maior que é a própria vida.

Nunca é demais lembrarmos-nos que, na vida o que interessa não é o que temos, mas o que somos, o que fazemos e construímos em nós. Isso sim é o que perdura para a eternidade.

Trata-se do velho dilema entre Ter e Ser. Tillich dizia que o ser humano perdeu a “coragem de ser” e por isso valoriza mais a matéria, aquilo que perece, e não o que é imperecível.

As pessoas que mais marcaram a história da humanidade foram aquelas que transcenderam as preocupações puramente materiais. Sidarta Gautama era príncipe e abandonou tudo o que tinha para viver a experiência da busca espiritual, a experiência de Ser. Por isso foi e ainda é conhecido como Buda, o Iluminado. Albert Schweitzer, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1954, abandonou sua promissora carreira de teólogo na Europa para viver na África, cuidando dos pobres. E poderíamos multiplicar exemplos, lembrando-nos de Madre Tereza de Calcutá e São Francisco de Assis. Que vidas exemplares! Para Buda e São Francisco, o maior tesouro era a natureza. Para Schweitzer, o grande tesouro eram os pobres e sua paixão pela música de Bach. E em meio a essa vida dura de privações na África, ele passou os momentos mais preciosos que o levaram a descobrir os tesouros que a traça não corrói nem a ferrugem consome.

O próprio Jesus nada teve. Ele mesmo declarou que os pássaros tinham ninhos e as raposas suas tocas, mas que Ele não tinha onde reclinar a cabeça. Viveu para ensinar que o importante não é ter, mas ser. E Ele, que nunca teve nada, foi a vida mais rica que o mundo conheceu. Por isso tantos se reúnem em torno de sua memória e seu nome.

Ao finalizar a parábola, Jesus diz que aquele que só pensava em acumular muito, iria ouvir um dia: “Louco! Essa noite te pedirão tua alma. O que tens armazenado nela?”

O que temos entesourado em nossa vida? Alguns imóveis? Bens materiais? Poder em alguma instituição? Dinheiro? Se for só isso, nossa vida é muito medíocre. A vida eterna, ávida que tem a marca divina, é vida que participa intensamente da defesa por outras formas de vida. E isso só é possível quando Deus é o centro de nossa vida. Quando nos preocupamos apenas conosco mesmos e com nossa segurança e estabilidade, estamos simplesmente fadados a reconhecer, um dia, que tudo foi “vaidade”, “futilidade” ou “absurdo”.

Seria bom terminar a homilia hoje não com uma afirmação, mas com uma interrogação aos ouvintes: “se essa noite pedirem contas de tua vida, o que tens para apresentar? (CEBC)